





LIVRARIA ACADÉMICA  
J. GUEDES DA SILVA  
8, R. Mártires da Liberdade, 12  
PORTO — TELEFONE. 25988

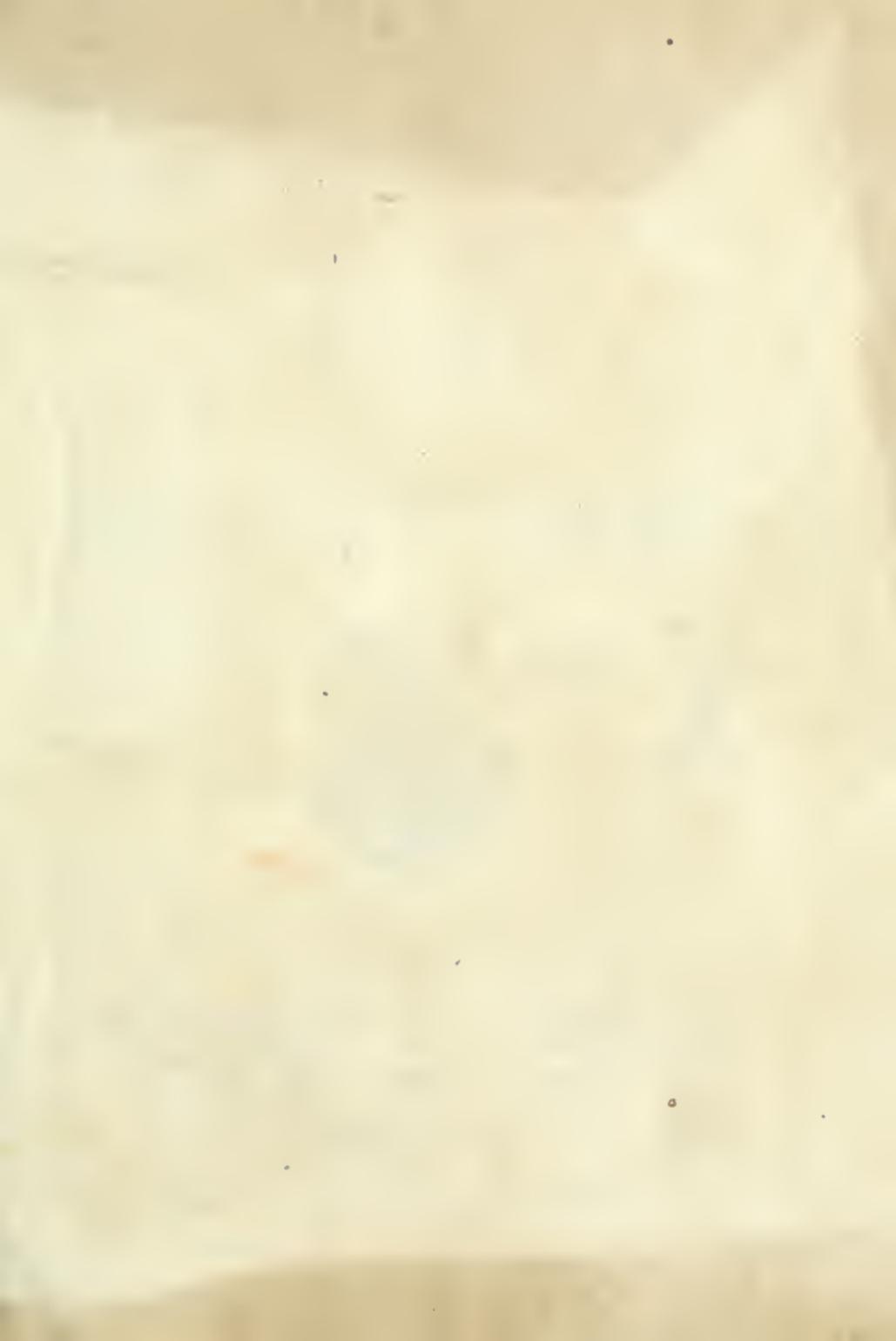
RB 198800



*Presented to the*  
LIBRARY *of the*  
UNIVERSITY OF TORONTO  
*by*  
Professor  
Ralph G. Stanton

75.







A

# LYRA ANACREONTICA;

A'

ILLUSTRÍSSIMA SENHORA

D. M. C. D. V.

P O R

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.



L I S B O A:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1819.

---

*Com Licença.*

Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto

## EPISTOLA.

Aclára, ó Marcia, a sabia Natureza  
Com luz brilhante o nosso entendimento :  
Sensível coração nos poz no peito.  
Instincto indestructível nos obriga  
A usar do coração. Amo, e consagro  
De amor ardente perennal tributo ,  
Ao Soberano Author dos Entes todos ;  
Razão, Justiça, Natureza o manda :  
Amo os Céos que me espantão, que arrebatão  
Minh'alma absorta em extasis sublimes.  
Amo o brilhante Sol, brilhantes Astros  
Que da sombria noite os véos recamão.  
Amo a atmosfera em que respiro, e amo  
A tempestade, as rápidas centelhas  
Que d'hum sublime susto a alma penetrão ,  
E os enlutados ares purificação.  
Eu amo a Terra, que me nutre, eu amo  
O ingenuo Agricultor, que a fertilisa.  
E as mãos que seus thesouros me recolhem.

Eu amo o Historiador, amo o Poeta,  
 Hum me trás a instrucção, outro o deleite.  
 Amo o grave Filosofo, que accende  
 Dentro em minh'alma a chamma da virtude.

No vasto quadro d'alma Natureza  
 Em constante união descubro os Entes.  
 No seio undoso dos profundos mares.  
 Sobre este nosso domicilio, a Terra,  
 Pelos ares diafanos immensos,  
 He tudo puro amor, he sympathia,  
 Amizade, atracção; e em mutuos laços,  
 Vejo morar, permanecer os Seres.  
 A pedra attrahe o ferro; até se buscão  
 Pelas entranhas lobregas da terra  
 Huns aos outros metaes, e a flor descobre  
 O seu nectar, e o cálice ás Abelhas.  
 Pelos nossos Jardins, marmorea Estatua  
 Attrahe a si corpusculos que gyrão  
 Nos espaços do ar. Os elementos  
 Da fulgida Safyra, e da Esmeralda  
 Pelos veios do Silex se derramão,  
 E lá se vão unir com tarda marcha  
 De muitos, muitos seculos que passão;  
 Os espalhados succos se conhecem,  
 E para sempre reunidos ficão.

Ouve, ó Marcia, a Lineo, verás as Plantas  
 Sensiveis ao Amor, que o seu Imperio

Por todo o Imperio vegetal se estende.  
 Escuta esses horrisonos rugidos,  
 É formidavel voz, que atrôa os bosques;  
 He do fero Leão, que ama, e suspira,  
 Que faz tremer a Natureza, quando  
 De seus prazeres, e ternura goza.  
 Lá vôa, e brama o Tigre, e busca ancioso  
 A consorte feroz; corre os desertos  
 Da accesa Arabia, menos inflammada  
 Que o sangue que lhe corre, e se atropella  
 Nas fundas veias. Alma Natureza,  
 Tudo em ti sente Amor; tudo s'inflamma  
 Desde o pequeno insecto aos vastos globos,  
 Que vejo fulgurar no immenso espaço;  
 Saturno attrahe a Jove, e Jove a Marte,  
 Venus attrahe Mercurio, a Terra a Lua,  
 A Lua as aguas do Oceano ondeante;  
 Ora parece que rouballo á Terra  
 Intenta n'attracção, e ora lançar-se  
 Dentro em seu vasto seio. O Sol parado  
 Do vasto immenso turbilhão no centro,  
 Attrahe, fecunda, abraça, anima os Mundos,  
 Qu'em torno delle as Orbitas descrevem.  
 Quam depressa das Orbitas cahindo,  
 Se irião sepultar no seio ardente  
 Do flammejante Sol, se acaso, ó Marcia,  
 Huma invisivel mão não moderasse  
 Seu transporte d'amor? A Eterna Dextra  
 Marca a distancia propria d'harmonia  
 Do todo que subsiste. E o Ser que pensa,  
 Marcia, não ha de amar? Dádiva inutil

Seria o coração ! Que Lei tão justa  
 Quando he justo este amor, quando a Virtude  
 Em innocentes vinculos nos prende !  
 Com que ingenuo prazer tactêo a Lyra  
 Do Grego Anacreonte ! As castas Rosas,  
 O puro Lyrio, a candida Açucena  
 D'enfeite servem só nas aureas cordas,  
 Materia pura dão d'alma aos conceitos,  
 Que levantados são porque os inspiras  
 Tu, portento sem par da idade nossa ;  
 Que igual prodigio os seculos só virão  
 Quando escutárão da formosa Hypacia  
 A eloquencia, e saber, se os ferrolhados  
 Penetraes de Platão entrava, e expunha  
 Da Sapiencia oráculos aos sabios  
 Da foz do Nilo na famosa Escóla,  
 Que a gloria escureceo d'antiga Athenas.  
 Tu conheces Amor, qual ella o víra,  
 Celeste emanação, chamma celeste,  
 Que d'alma as perfeições contempla, e vive  
 Nesta contemplação serena, e pura.

Mas como expôr os sentimentos d'alma  
 Póde, ó Marcia, o mortal, sem que do Quadro,  
 Que aos olhos seus descobre a Natureza,  
 Com donta mão não colha imagens vivas,  
 Expressivos sinaes do que a alma sente ?  
 Na flor que brota, e planta que viceja  
 Vês retratos d'amor, e de innocencia.  
 Nos requebros harmonicos das Aves

A voz de amor s'escuta, e a Natureza,  
Qual he, se mostra alli. Brillhante Insecto,  
Que adeja ao Sol da Primavera, e toca  
O cálice da flor co'as leves azas ,  
He hum grito d'Amor, he delle Emblema.  
Qual ama a flor, a Borboleta, o Anjo,  
Marcia, eu te posso amar, e eu devo amar-te.

Nas suaves Canções, que te consagro,  
Se vês arcos, farpões, settas, aljavas ,  
Como se exprime amor, se assim não fora ?  
Passem, cingidos de celeste louro ,  
Teu nome, e a Lyra ao seculo vindouro.



ODE I.

*A vida do campo.*

Não formão, discreta Marcia,  
A nossa felicidade  
Os illusorios thesouros,  
Que busca o luxo, e vaidade.

Esses cristaes de Golconda,  
Que os homens chamão diamantes,  
São, entre as classes das pedras,  
Pedras que são mais brilhantes.

Se a mesma terra que as cria  
Não for por nós cultivada,  
Será theatro da fome,  
Será do luto a morada.

Não he, por certo, escondido  
Metal, a que chamão ouro,  
Ao homem da Natureza  
Hum verdadeiro thesouro:

He mais proficuo hum Arado,  
A foice he mais preciosa;  
Só estes nos livres campos  
Tornão a vida gostosa.

Ao nosso amor que he preciso  
Mais que do campo a cultura,  
A lã de ingenuas ovelhas,  
As aguas da fonte pura?

Vivamos, Marcia, no campo,  
Nelle esperemos o Céu,  
Até que a Morte desdobre  
Sobre meus olhos o véo.

O D E II.

*O Retiro.*

Que importa, ó Marcia, que a Terra  
Ande continuo a gyrar  
A' roda do Sol, ou esteja  
Fixa no mesmo lugar?

Que importa, que o Sol seu throno  
Tenha no centro do Mundo?  
Que importa, que compassado,  
Encha, ou vase o Mar profundo?

Que importa, que os Reis disputem  
Dois, ou tres palmos de terra?  
Que importa, que a seus caprichos  
Venha ora a paz, ora a guerra?

Que importa, que o Sabio estude  
Mysterios da Natureza?

Que encanecendo nos livros  
Encontre em tudo incerteza?

Gozarmos, e não sabermos  
He dos humanos a herança,  
Feliz quem goza da vida,  
Quem nestes campos descança!

Contempla o fertil Outono  
Como seus fructos reparte,  
Como em seus quadros he bella  
A Natureza sem arte.

Neste encantado retiro  
He sempre fixa a estação,  
Nem ha rigores do Inverno,  
Nem chammas ha do Verão.

De unir as flores aos fructos  
Aqui Natura se apraz;  
Se existe na Terra, he este  
O domicilio da paz.

Se acaso dentro em teu peito  
Amor o seu throno erguêo,  
Aqui, ó Marcia, vivamos,  
E espere por nós o Céo.

---

ODE III.

*Vantagens da solidão.*

**D**os Reis o escravo contemple  
Os seus Jardins magestosos,  
As aguas prezas nos lagos,  
Bronzes, e jaspes lustrosos.

Admire como a tesoura  
A murta dos troncos priva,  
Que contrafeita appetece  
A liberdade nativa.

Eu amo, ó Marcia, estes bosques  
Quaes os produz Natureza;  
Só ella he grande, e conserva  
Na variedade a belleza.

Dentro em minh'alma despertão  
Enthusiasmo sagrado,  
Nem posso vêr sem assombro  
Aquelle monte escaldado.

Parece-me vêr hum throno  
Naquellas rochas distantes,  
Onde Natura triunfa,  
Aos olhos dos seus amantes.

Neste lugar solitario  
Achámos, Marcia, a ventura;  
A's almas dá pensamentos,  
Aos corações dá ternura.

ODE IV.

*O despertador importuno.*

Cañado, ó Marcia formosa,  
Do muito que hoje corri,  
A' sombra do Cedro annoso,  
Fui-me encostar, e dormi.

E que outra imagem, ó Marcia,  
Mais do que a tua podia  
Vir occupar a minh'alma,  
Pintada na fantasia?

Presente te conservava,  
E hum sonho me diz então,  
Que punhas sobre o meu peito  
A tua nevada mão.

Ouvi-te a voz , que dizia ,  
Sempre me havias querer ,  
Que de quebrar nossos laços  
Só tinha a morte o poder.

Eu via as lagrimas ternas  
Nos olhos teus borbulhar ,  
Ouvia os ternos suspiros  
Que inflammão d'amor o ar.

Via-te , ó Marcia , qual és ,  
Prodigio da Natureza ,  
Hypacia não foi tão sábia ,  
Nem teve tanta belleza.

Mas eis-que neste momento  
Hum Rouxinol se escutou ;  
Despertão-se os meus sentidos ,  
E o sonho se dissipou.

Exclamo : -- Ingrata Avezinha ,  
Calar-te fora melhor ;  
Tu roubas-me a minha amada ,  
E vens-me fallar d'amor ? ...

ODE V.

*Victoria d'Amor.*

**E**u vi, ó Marcia, a meu lado  
A triste, e fria Razão;  
Vinha d'austero sobrôlho  
Ralar da minha paixão.

Quiz que eu desencordoasse  
A eburnea, e toante Lyra:  
Gritava, que não he sabio  
Quem por hum rosto suspira.

Dizia, que era hum desdouro  
O Plectro de Anacreonte;  
Que eu, não de rosas, mas louros  
Devêra cingir a fronte.

Té quiz com mão vingadora  
Meus ternos versos rasgar,  
E os immortaes monumentos  
A's vivas chammas lançar.

Que apenas guardar devia  
Dentro do meu coração  
A filosofica idéa  
Do puro amor de Platão.

Que a doce união das almas  
Eu só devia querer;  
Que amar teu mimoso encanto  
Era aviltar o meu Ser.

Disse-lhe, que era mentira  
A sua amarga verdade;  
Que hum coração insensivel  
Não goza a felicidade.

Soltando amargo sorriso,  
Em ferros me deixa então.  
Eu mui contente lhe disse,  
A Deos, austéra Razão!

ODÉ VI.

*Breve duração da belleza.*

Véspero surge, e já brilha  
Co'aquella luz saudosa  
Onde com gosto apascentas  
Teus olhos, Marcia formosa.

Vamos, são horas, ao campo  
Do doce assopro gozar,  
Do fresco vento que apenas  
Co'as azas sacode o ar.

Da Natureza he mais bello  
O quadro neste momento;  
Quando nas sombras s'envolve  
Mais toca o entendimento.

Vamos, ó Marcia; quam bella  
He destes prados a scena!  
Vê como a frente debruça  
Nas aguas esta Açucena.

Parece, que a bella Flora  
Desceo da celeste Esfera  
A dar-lhe Imperio entre todas  
As filhas da Primavera!

Os Zefyros inconstantes,  
Soprando doce bafagem,  
Sobre seu tronco se fixão  
A darem-lhe vassalagem.

Eu mesmo a vim contemplar,  
O' Marcia, ao nascer do dia;  
Té, com soberba, das aguas  
No espelho fugaz se via!

Voavão as Borboletas  
Em torno della incessantes,  
Roubavão-lhe doces beijos  
Como perdidos amantes.

Mas já não tem formosura,  
Nem doce perfume expira,  
Até como envergonhada  
Do lago a fronte retira.

Das mesmas flores o orgulho  
O Tempo, ó Marcia, supplanta;  
Basta hum só dia, e se acaba  
Tudo o que os olhos encanta.

A idade foge, aproveita,  
O' Marcia, d'amor os cultos,  
Previne, ó Marcia discreta,  
De teu espelho os insultos.

O D E VII.

*O prodigio.*

Que voz angelica, e pura  
Vem meus ouvidos tocar?  
Será de hum Zefyro brando  
Que as folhas vem menear?

De Filomella talvez  
Eu oiça o suave canto,  
Agora que a noite escura  
Na Terra estende o seu manto!

Mas duro, e medonho Inverno,  
De feros tufões cercado,  
Tem de tristeza, e de luto  
A Natureza abafado.

O Rouxinol não despréga  
Agora a voz saudosa,  
Nem estes prados matizão  
A Violeta, e a Rosa.

Mas que prodigio! De cores  
Purpureas se cobre o Céu!  
E a Primavera risonha  
Nos ares desdobra o véo!

Em odoríferas nuvens  
Aos campos retorna Flora;  
Nos Céos assoma brilhante  
Mais pura, e serena Aurora.

Altera-se a Natureza!  
Do Tempo a roda passou!  
Que muito, se a linda Marcia  
A voz ao canto soltou?

O D E VIII.

*O Duélo.*

**D**iz-me a Razão, que não ame  
A linda Marcia, e Amor  
(Indocil par!) diz que a Marcia  
Eu ame com mais ardor.

Assim minh'alma fluctua  
Entre contrarias tenções,  
Qual anda a Náo entre as ondas,  
Batida dos Aquilões

Mas entre a sôlta tormenta,  
Que o fragil lenho sossóbra,  
Co'a já perdida esperança  
O doce Posto se cobra.

Em tão sangrento combate  
Razão austérea cedeo ;  
Desliza Marcia hum sorriso ,  
Amor com elle venceo.

---

O D E IX.

*O exemplo.*

Não vês, ó discreta Marcia,  
Em torno da luz brilhante,  
Como se agite anciosa  
A Borboleta inconstante ?

Bebeo o nectar das flores,  
E não contente da sorte,  
A' roda da viva chamma  
Affaga brilhante morte.

O' Marcia , não he só ella  
Victima triste do engano ,  
Tambem o será quem busca  
O fogo de amor tyranno.

Incauto tambem a imito  
Em seu indiscreto gyro ,  
Ella nas chammas acaba ,  
Eu nos teus olhos expiro!

---

O D E X.

*O Nome.*

**M**anda-me Amor , que esta Lyra  
Nas mãos amorosas tome ,  
Que as armas cante ; e sómente  
De Marcia repete o nome.

O ar das ondas vibrado  
Leva este nome a meu peito,  
E lembra á minh'alma absorta  
O jugo a que estou sujeito.

Com vivo fogo me pinta  
Esse celeste prazer,  
Que ao lado teu, linda Marcia,  
Me faz gostoso o viver.

Eu deixo o canto das armas,  
Deixo d'Heroes a memoria,  
Só dar-me pode o teu nome  
O enthusiasmo da gloria.

O D E XI.

*A união buscada.*

**P**óde este Rio sereno  
No curso seu não parar?  
Póde ir com rápidos passos  
Continuo buscando o mar?

A flor, que inda em si conserva  
Vestigios de antigo amor,  
Póde continuo voltar-se  
Do Sol ao vivo esplendor?

Póde a sympathica pedra  
A si o ferro attrahir?  
Póde este ferro tocado  
Do Norte a estrella seguir?

Só eu, ó Marcia, não posso  
Do fogo, em que tu me abrazas,  
Seguir o brilhante trilho  
Dando-me Amor estas asas!

Se todos buscão seu centro,  
As plantas, e os animaes,  
Póde hum tyranno capricho  
Oppor-se ás leis naturaes?

O rio, se na carreira  
Das pedras he demorado,  
Trasborda mais furioso,  
Ou deste, ou daquelle lado.

Depois fiel vai seguindo  
A sua lei primitiva,  
E busca como ancioso  
O mar donde se deriva.

A grossa nuvem que passa,  
Inda que o Sol obscureça,  
Não faz que a flor que o buscava  
Naquella ausencia esmoreça.

Assim tudo vai buscando  
O objecto que mais lhe agrada;  
Conserva esta lei nos Entes  
A Natureza gravada.

Tambem, ó Marcia, eu a sinto,  
Em mim não fará mudança;  
Porque inda além do sepulcro,  
Te hei de buscar na lembrança.

---

O D E XII.

*O Voto.*

Feliz, ó Marcia, quem foge  
Dos campos de Marte irado,  
Só entre os bosques o sabio  
Encontra asylo sagrado.

Este silencio profundo,  
E sombra mysteriosa,  
As almas alevantando  
Tornão a vida gostosa.

Fazem hum grande estampido  
No Mundo os Heroes da guerra,  
Para ganharem hum nome  
Cobrem d'estragos a Terra.

He, Marcia, hum brazão sublime  
Subir ao Templo da Gloria;  
Mas sempre se compra a preço  
De pranto, e sangue a victoria.

Da doce Filosofia  
No seio vamos viver;  
Que he só ditoso na vida  
Quem mais se sabe esconder.

Se de agradar a teus olhos  
Eu tenho a felicidade,  
Inda que o Mundo me ignore.  
Eu gozo a Posteridade.

O D E XIII.

*O Amor eterno.*

**D**ispoz Amor qu' em seus ferros  
Devesse a vida passar;  
Que a minha constancia, ó Marcia,  
Jurasse no teu altar.

Então minha liberdade  
Ao Numen se quiz oppor,  
Cuidando que na minh'alma  
Não tinha poder amor.

Porém o Deos, em tyranno  
Combate comigo entrou;  
Da sua dourada aljava  
Todas as settas vasou.

Eu cedo, ó Marcia, e fugindo,  
O campo lhe deixo então,  
E retirei-me coberto  
Com o pavêz da Razão.

Elle me alcança, e me cobre  
Co' o véo que nos olhos traz,  
E tendo-me prisioneiro,  
Esta pergunta me faz:

Ao sceptro meu como pode  
Oppor-se a tua Razão,  
Se tu estavas primeiro  
Ferido no coração?

Eu fiz que visses a Marcia  
Antes do jugo te impôr;  
Tu viste a Marcia, e não pódes  
Fugir dos laços de amor.

Gozaste da liberdade,  
Ouviste a voz da Razão;  
Tu viste a Marcia, e fechou-se  
Eternamente a prizão.

ODE XIV.

*O estudo d'Amor.*

Nasceste, Marcia formosa,  
Nasceste só para amar;  
Não queiras em tanto estudo  
Rápida vida passar.

As doces horas do somno  
Não queiras diminuir;  
De nada presta a Sciencia,  
Se não ensina a sentir.

Encanecêrão os homens  
Sem nada poder saber;  
São nada as Artes, mais vale  
Hum dia só de prazer.

A Rosa vive hum momento,  
E os nossos olhos encanta;  
Que nos importa esse cedro,  
Que altivo aos Céos se levanta?

Agrada a Pomba innocente,  
Que não se eleva no ar:  
Deixa que as Aguias soberbas  
Os Astros vão devassar.

Do teu Pastor as Endeixas  
Trazo continuo na mão;  
Que ao lado d'huma belleza  
Nunca achei graça a Platão.

Para huma eterna memoria,  
Profundo estudo que val?  
Nos versos, que tu me inspiras,  
Já tens hum nome immortal.

O D E XV.

*O Consorcio.*

Não vês quanto he bello, ó Marcia,  
Todo este Bosque sombrio?  
Quam saudosas as aguas  
Aos mares leva este Rio?

Hum tão recatado asylo  
A todos amor inspira;  
Tudo o que vês nestes campos  
Sómente amores respira.

Estes vergeis tão amenos  
As brandas Aves abrigão,  
Que em seus namorados cantos  
Em doce affecto se ligão.

As aguas, Zefyros, flores  
Lanção perfumes de amor;  
Os mesmos troncos sensiveis  
Se mostrão ao seu ardor.

A Natureza este Templo  
Ao Numen edificou,  
Que penhorado da Offerta  
Aqui seu throno firmou.

Vem tu, ó Marcia formosa,  
Vem tu aqui repousar,  
Que ultrajas a Natureza  
Se não quizeres amar.

Não tardes, Amor co'as azas  
Cobre o mysterio profundo,  
Pois, se me vir a teu lado,  
Terá ciumes o Mundo.

Vem, Marcia, no altar enlaça  
Co'a minha a nevada mão;  
Que a tão sublime delirio  
O Imperio cede a Razão.

ODE XVI.

*A ventura do Campo.*

**E**m populosa Cidade  
Não mora, ó Marcia, a ventura;  
Nos alizares dourados,  
Tem seu Imperio a amargura.

Foge da Corte, e se abriga  
Entre estes bosques frondosos;  
Aqui aos tristes humanos  
Só tece os dias gostosos.

Sobre os marmoreos Palacios  
Tristes cuidados revoão;  
Da escravidão, nestes campos,  
Os duros ferros não soão.

Tudo respira a ventura,  
Tudo a ventura retrata;  
Vejo-a na sombra dos bosques,  
Vejo-a nas fontes de prata.

No leve vôo das aves,  
Do simples Pastor no riso,  
Na relva, flores, em tudo  
Eu a ventura deviso.

Ao campo fujaamos, Marcia,  
Que he da ventura hum thesouro;  
Embora o Avaro busque  
Além dos mares o ouro.

Aqui verás a ventura  
No canto d'huma Pastora,  
Té a verás misturada  
Na ingénua dôr, s'ella chora.

Co'os grandes Reis a ventura  
Não vai ao throno subir,  
O mesmo sabio a não acha,  
Se o sabio a quer diffinir.

No seio da Natureza  
Sómente s'encontra pura ;  
Vive no campo ; e se amares ,  
O' Marcia , terás ventura.

---

## O D E XVII.

*O Amor , e a Abelha.*

*Amor.*

**C**rue! , e maligna Abelha ,  
Que a linda Marcia offendeste ,  
Tu pagarás com a vida  
O crime que cometteste.

*Abelha.*

Cruel Amor , não castigues  
A minha acção criminosa ;  
Feri os labios de Marcia  
Julgando que era huma Rosa.

*Amor.*

A tua acção deshumana  
Ficar impune? Isso não;  
As azas devo arrancar-te,  
Devo quebrar-te o farpão.

*Abelha.*

Deixa-me, Amor; que mais crimes  
Comettes com teus farpões:  
Eu firo os labios a Marcia,  
Tu feres os corações.

---

## O D E XVIII.

*A Rosa.*

**Q**uanto meus olhos encantas,  
Fragrante, e mimosa Flor!  
Venus te deo a belleza,  
De Venus o sangue a côr.

Minh'alma toda se inflamma,  
Se extatico te contemplo;  
Se tu de Venus és obra,  
Tu és de Marcia hum exemplo.

E's linda, se vergonhosa  
Te mostras nas folhas preza;  
Assim no rosto de Marcia  
Augmenta o pejo a belleza.

Alegres risonha o ar  
Quando as prizões desenlaças;  
Assim hum riso de Marcia  
Lhe augmenta as celestes graças.

Tu perderás a belleza,  
Se o tempo te desfolhar;  
Tambem de Marcia os encantos  
O tempo deve acabar.

Talvez que Marcia te colha,  
E ponha no peito seu;  
Terás hum feliz destino,  
Destino que não he meu.

Se Marcia aos labios te chega,  
Hum beijo te ha de imprimir;  
Se Amor tal visse... até elle  
Ciumes ha de sentir!

Deixa-te estar no seu peito,  
Que he só de Amores o ninho;  
Se algum rival vires perto,  
Dá-lhe sómente hum espinho.

---

O D E XIX.

*O Prodigio.*

**D**e espessas nuvens o Céu  
Repentino se cobrio,  
E mui carregado luto  
A Natureza vestio.

Do seio dos turvos ares  
A chuva se desatou,  
Entre relampagos feios  
Horrendamente toou.

Eis Marcia, como assustada  
Com tempestade tão solta,  
Chega á janella, e seus olhos  
Aos Céos enlutados volta.

Súbito as nuvens se rompem,  
E o Sol luminoso brilha;  
E namorado de Marcia,  
Contempla tal maravilha.

Marcia, retira o teu rosto,  
Tão bello para meu mal;  
Vê que com justo ciume  
Temo no Sol hum rival.

S'entre os mortaes não existe  
Mortal que eu possa temer,  
Tu és hum Nume celeste,  
Póde-te hum Nume querer.

ODE XX.

*O Cedro.*

**A**ltivo Cedro, eu entalho  
Sobre o teu tronco viçoso,  
Qual em meu peito o conservo,  
De Marcia o nome ditoso.

Darão magestosas sombras  
Desde hoje as folhas que vestes,  
Verão os seculos quanto  
Com este nome crescestes.

Se em ti se conserva sempre  
Constante, e eterna a verdura,  
Com este nome esculpido  
Terás maior formosura.

Tu não dás fructos, e esteril  
Tu vês do tempo a mudança,  
Só nisto não se pareça  
Comtigo a minha esperança.

---

O D E XXI.

*A vista de Marcia.*

**H**uma só vista de Marcia  
Derrama em torno a ventura;  
Com ella Amor tem Imperio,  
As Graças tem formosura.

Toma huma face risonha  
O Céu quando a vê passar,  
Cobre-se a terra de flores,  
Depõe as iras o mar.

Nuvens de Amores exhala  
Do peito quando respira,  
E diz ao Mundo encantado,  
Quando se mostra: --- Suspira. ---

He de seu rosto formoso  
Tão poderosa a magia,  
Que eu temo perder, se a vejo,  
A minha Filosofia.

Clama a Razão, pois se queres  
Fugir acaso esse mal,  
Quando encontrares a Marcia  
Abaixa os olhos, mortal.

## O D E XXII.

*O Ramallete.*

**E**u fiz, ó Marcia formosa,  
Junto do Cedro frondoso  
Das flores de que mais gostas  
Hum ramallete mimoso.

A's Margaritas unia  
Da Murta a candida flor:  
Juntei a tres Açucenas  
A Rosa que achei melhor.

No Alegracampo fragrante  
A Madresilva enlacei;  
Juntei-lhe duas Saudades,  
Flor que entre todas amei.

Busquei dos Cinco Pinheiros  
O Valle, onde tu passêas;  
Mas perseguirão-me Abelhas,  
Que estão naquellas colméas.

Dá-me por esta grinalda  
Da tua boca hum só beijo,  
D'onde d'hum favo a doçura  
Correr de continuo vejo.

Então as louras Abelhas,  
Se tu não fores cruel,  
Mais do que invejão as flores  
Verás invejar o mel.

O D E XXIII.

*O Amor reciproco.*

Nasceo Amor poderoso,  
E o Mundo veio abraçar,  
E ás Graças encantadoras  
Venus o deo a crear.

Seguem-se tempos a tempos,  
Succede a hum dia outro dia;  
Máo grado tantos desvélos,  
Nunca o menino crescia.

Venus afflicta, de Apollo  
O oraculo consultou,  
Depois de rogallo muito,  
Esta resposta escutou:

Se queres que Amor te médre,  
Hum novo filho has de ter;  
Se então se abraçarem ambos,  
Amor tu verás crescer.

Antheros nasce, e n'hum ponto  
Amor robusto cresceo.  
Oh! que lição tão tocante  
Aquelle Nume nos deo!

Tu vês no meu coração  
Amor, ó Marcia, nascido:  
Se igual em teu peito nasce,  
Então o verás crescido.

O D E XXIV.

*As duas Rosas.*

Com brandos fios de seda  
Marcia bordava huma Rosa ;  
Nem nos Jardins de Amathunta  
Venus a vio mais formosa.

Mais do que a Aurora nascente  
Mostrava a mimosa côr ;  
Nem do casulo mais bella  
Sahio natural a flor.

Prodigios d'arte , que vencem  
Esforços da Natureza !  
As mãos de Marcia dar podem  
A's flores maior belleza !

Tocadas das mãos do Tempo,  
Desfolhão-se as naturaes;  
As tuas, Marcia divina,  
As tuas são immortaes.

---

O D E XXV.

*Amor prezo.*

Vio Marcia Amor que dormia,  
Onde, em que dia, não sei,  
E diz, lançando-lhe hum laço,  
Agora me vingarei!

Acorda o triste menino,  
E vio a algema na mão;  
Erão cabellos de Marcia,  
Indissoluvél prizão!

Piedade, ó Marcia... e chorava;  
E Marcia não sente dor.  
Solta-me, ó Marcia, concede  
A liberdade ao Amor.

Eu juro recompensar-te;  
Serás, ó Marcia, querida,  
Serás do constante Elmiro )  
Amada, e correspondida.

Na tua face mimosa  
Terás perpetua belleza,  
Amor to jura, e tu sabes,  
Que he mais do que a Natureza.

Concedo-te a liberdade,  
Diz Marcia ao afflicto Nume,  
Se tu promettes primeiro,  
Que nunca hei de ter ciume.

Dos corações dos amantes  
Hum só coração formou;  
E dando aos dois huma vida,  
Já livre os ares cortou.

ODE XXVI.

*Q* engano d'Amor.

**D**e seus incessantes gyros  
Amór cançado parou,  
No seio da linda Marcia  
Gostoso se reclinou.

Tanto se agasta a Pastora,  
E fica tão furiosa,  
Que he qual Abelha, se o favo  
Lhe rouba a mão cubiçosa.

Com força desvia o Nume,  
Nem quer que o seu coração,  
Sendo tão puro, o veneno  
Receba do seu farpão.

Sentindo o terno menino  
Tão desusado rigor,  
Da crueldade de Marcia  
Chorando se queixa Amor.

Não me conheces? Diz ella,  
Eu Marcia sou... D'espantado,  
Amor repentino foge  
Daquelle seio nevado.

Qual foge o Pastor, que incauto  
A cobra enroscada piza,  
Assim fugindo nos ares,  
Com susto Amor se devisa.

Perdoa, ó Marcia, (bradava  
Amor) se assim me enganei,  
Cuidando que era o de Venus,  
No seio teu me encostei.

O D E XXVII.

*A comparação.*

**E**sforço d'arte, e prodigio!  
De Marcia he esta a figura?  
Imita-se a Natureza  
Na pedra insensivel, dura?

Oh! que cabal similhança  
Tem o retrato, e o modello!  
Por natureza, e por arte,  
Se mostra igualmente bello!

He surdo o jaspe nevado,  
Marcia não quer escutar;  
He muda a formosa Estatua,  
E Marcia não quer fallar.

Se as aguas da clara fonte  
Excede o jaspe em alvor,  
Tambem de Marcia formosa  
O seio tem esta côr.

Se he insensivel, e duro  
O jaspe por natureza,  
No peito a formosa Marcia  
Conserva a mesma dureza.

Se he parte de dura pedra  
O Busto immovel, e quedo,  
Tem Marcia iguaes attributos,  
Tambem he Marcia hum rochedo.

Só não se vê similhança  
Entr'hum, e outro portento;  
He sempre immovel a pedra,  
Mudar-se-ha Marcia qual vento.

O D E XXVIII.

*Os effeitos contrarios.*

**O** Sol nunca neste globo  
Lançou tão grande fulgor,  
Como dos olhos de Marcia  
Despede o Tyranno Amor.

Nem he tão doce ao contacto  
A Violeta mais pura,  
Do que das mãos he de Marcia  
A morbidez, e a doçura.

Não he das purpureas Rosas  
O hálito mais mimoso,  
Do que he da boca de Marcia  
Hum só suspiro mavioso.

Da sua vista se entorna  
Balsamo tão eficaz,  
Que vem sarar em meu peito  
As chagas que Amor lhe faz.

Mas em seu seio de neve,  
Arde tão grande volcão,  
Que a tantas chammas sustento  
He pouco o meu coração.

Qual Borboleta será,  
Que expira na chamma pura;  
Se o fogo seu me dá vida,  
Dá-me tambem sepultura.

ODE XXIX.

*O conhecimento.*

Só quem dos olhos de Marcia  
A luz gozou clara, e pura,  
Póde formar justa idéa  
De huma cabal formosura.

Só quem dos ternos suspiros  
Os éccos não escutar,  
Que deixão enternecidos,  
Os Céos, a terra, e o mar;

Só quem não vio os arquejos  
Daquelle nevado seio,  
Aonde Amor a vontade  
Conserva em perpétuo enleio;

Só quem não vio hum sorriso  
 Dos labios seus deslizado ,  
 Que ás lindas flores dá graça,  
 Dá viço á relva do prado ;

Não póde saber qual seja  
 Do meu peito o vivo ardor,  
 Nem como as settas s'encravem,  
 Nem como as arranque Amor.

## O D E XXX.

### *O suspiro.*

**H**um mal distincto suspiro  
 Do peito aos labios te corre ;  
 Vejo que , apenas nascido , /  
 N'hum só instante elle morre.

Afugentado do pejo,  
Tocou os labios em vão,  
Tornou a reconcentrar-se  
Dentro do teu coração.

As tuas faces se accendem ( -  
Em viva, e purpurea côr;  
Não sei dizer se he modestia;  
Mas não he menos que Amor.

Eu vejo que de teus olhos  
Brilhante humor se derrama;  
Os olhos fallão, no peito  
Tens, Marcia, de Amor, a chamma.

Hum fogo só de outro fogo  
Se póde communicar;  
Deixa que rompa essa chamma,  
E a minha venha atear.

O D E XXXI.

*A Eternidade d' Amor.*

**O** Tempo com ferreo braço  
Faz os Palacios cahir,  
As obras do esforço humano  
A cinzas vem reduzir.

Desséca os Lyrios, e as Rosas,  
Enfeites da Primavera;  
Sente a belleza os ultrajes  
Da sua foice sévéra.

Dissolve os brutos rochedos,  
A arêa em pedras converte,  
Té a corrente dos rios  
A novos leitos diverte.

Vês essa rocha medonha,  
 Que tanto s'eleva ao ar?  
 Do tempo a fluxão constante  
 Fez della o mar recuar.

Aplainão-se os altos montes,  
 A mesma Terra envelhece;  
 Debaixo dos pés do Tempo  
 Tudo o que he grande perece.

O mar tambem se evapora,  
 Já muito mais s'estendeo;  
 O Tempo até faz mudanças  
 Na mesma face do Céu.

As luzes do Sol se eclipsão,  
 Os mesmos Astros se apagão,  
 Os jaspes, os duros bronzes,  
 Tambem co'o tempo se estragão.

Em fim, tudo está sujeito  
 Dos tempos ao vituperio;  
 Mas não se acaba co'o tempo  
 Do teu Amor o Imperio.

ODE XXXII.

*Os Planetas.*

Sete brilhantes Planetas, /  
Marcia, nos Céos vão gyrando,  
E a ti nos seus movimentos  
Continuo estou contemplando.

A neve gelada vendo  
Da Lua estou no clarão;  
Tambem, ó Marcia, a contemplo  
Dentro do teu coração. /

Mercurio he Deos da eloquencia;  
Isto contemplo em seu gyro;  
Pois este raro talento,  
Em ti, ó Marcia, eu admiro. /

E quando o Sol do Oceano  
Levanta a face brilhante,  
A imagem descubro, ó Marcia,  
De teu celeste semblante.

Ou Venus preceda a Aurora,  
Ou brilhe no fim do dia,  
Que a tua imagem era ella,  
Mil vezes eu to dizia.

E se de Marte guerreiro,  
Eu vejo a face abrazada,  
Assim me assustas, ó Marcia,  
Quando te mostras irada.

Vejo imperando na Esfera  
A Jupiter luminoso ;  
Elle me lembra o Imperio  
De teu, semblante formoso.

Saturno em Céu mais subido  
Derrama tardo fulgor,  
Elle me lembra de Marcia  
A eternidade em amor.

Assim, quem não vio a Marcia  
Bem póde os Céos contemplar;  
Que nos brilhantes Planetas  
A sua image' ha de achar.

---

ODE XXXIII.

*O Retrato d'Amor.*

**D**eixa as vulgares idéas,  
Habil, e douto Pintor;  
Deves seguir outra marcha,  
Se queres pintar Amor.

Passa severo essa esponja  
No Quadro que tens traçado;  
Não pintes arcos, nem settas,  
Não pintes facho inflammado.

Tira dos hombros as azas,  
Dos olhos tira-lhe a venda,  
Não pintes ferreas cadêas,  
E o Quadro tão bello emenda.

Nem elle tem esse rosto,  
D'hum fragil tenro menino,  
Nem tem Amor esses rasgos,  
Sobre o seu rosto divino.

Se desse Nume celeste  
Queres a idéa melhor,  
Retrata a divina Marcia,  
Então pintarás Amor.

## ODE XXXIV.

*O riso , e o pranto.*

Quando tu soltas, ó Marcia,  
Dos labios leve sorriso,  
Em tua frente serena  
Me mostras o Paraíso.

A luz então se despede  
Dos olhos teus tão brilhante,  
Que os mesmos Astros s'eclipsão  
No Firmamento distante.

Quando de lagrimas ternas  
Molhas a face formosa,  
Aos olhos meus se apresenta  
D'orvalho aljofrada Rosa.

Assim a Aurora orvalhada  
Nos mostra a suave frente,  
Se as aureas portas ao dia  
Abrindo vem n'Oriente.

As tuas lagrimas puras  
Gostoso recolhe Amor,  
Bem como a Abelha o rocio  
Do niveo calis da flor.

Absorto então não decido  
Quando mais bella pareces,  
Se quando soltas hum riso,  
Se quando a face humedeces.

Ou deslizando hum sorriso,  
Ou tendo a face chorosa,  
Tu, Marcia, discreta Marcia,  
E's igualmente formosa.

## ODE XXXV.

*O osculo.*

Se hum terno beijo me imprimes,  
(Prazer que a gloria emparelha,)  
Eu sinto sobre os meus labios,  
Formosa Marcia, huma Abelha.

Se alli doce mel derrama,  
Encrava o duro aguilhão;  
Leva a doçura, e o golpe  
Ao fundo do coração.

Se tu de Rosas corôas  
A minha ditosa frente,  
Occulto na flor de Venus,  
Eu sinto o espinho pungente.

Se em mim, ó Marcia formosa,  
Os olhos brilhantes pões,  
Eu sinto d'Amor o facho,  
Tambem lhe sinto os farpões.

Se tu me enlaças, ó Marcia,  
Com teu cabelo ondeado,  
Tambem nos pulsos eu sinto  
De ferro hum grilhão pezado.

Entre tormentos, e gostos  
A minha vida se apura;  
A hum tempo, Marcia celeste,  
Tu és o fel, e a doçura.

## O D E XXXVI.

*A sensibilidade.*

**S**e acaso na doce tarde,  
O' Marcia, vens passear,  
Tu vês do Vimeiro o campo  
Hum novo aspecto tomar.

Bordão-se as margens do rio  
Dê mais engraçadas flores,  
Os horisontes se arreão,  
De brancas, e roseas cores.

Nem voraz lobo as ovelhas  
Já fóra do ovil persegue,  
Nem alvas Pombas nos ares  
O Açor deshumano segue.

E se a vagante Andorinha  
Nos livres ares ondèa,  
Das sussurrantes Abelhas  
Não despovôa a colmêa.

As aves nos arvoredos  
Cantão com mór alegria,  
E mais saborosos fructos  
A terra espontanea cria.

Se á Natureza insensivel  
Dás, Marcia, hum ser differente,  
Que hão de fazer teus encantos  
No ser que pensa, e que sente?

## O D E XXXVII.

*A promessa.*

**D**o Cedro copado á sombra  
Comigo, Marcia, estiveste,  
E de tornar a estes campos,  
Mil vezes me prometteste.

Passão as noites, e os dias,  
E tu, ó Marcia, não vens;  
Nem sentes o mal da ausencia,  
Nem sei porque te detens.

Pergunto ao prado risonho,  
Pergunto ao monte sombrio;  
Tudo emmudece, só oiço  
Quebrar nas pedras o rio.

Debalde , Marcia formosa ,  
Tão doces queixumes faço ;  
Eu sei que te veda a sorte  
Em duras prizões o passo .

Se tu não queres amante  
O meu tormento agravar ,  
Não me promettas , ó Marcia ,  
Senão o que pódes dar .

---

O D E XXXVIII.

*As prendas.*

**T**res Deosas , Marcia , quizerão  
Ao berço teu presidir ,  
E dos thesouros celestes ,  
Comtigo os dons repartir .

De grande engenho dotada  
Fostes, ó Marcia ditosa,  
Venus te deo a belleza,  
Juno te fez magestosa.

Em ti, ó Marcia, reunes  
Os predicados das trez,  
E o que fizera em mil annos,  
A Sorte fez d'huma vez.

Quer sobre ti cada huma  
Imperio exclusivo ter;  
Nesta celeste contenda  
Eu Arbitro quero ser.

A terna mãe dos Amores  
Aos teus encantos prezida;  
Na clara luz dos teus olhos  
O doce Amor tenha vida.

A Soberana dos Deoses,  
Te ponha o Sceptro na mão,  
E sem sentir teu Imperio,  
Não haja hum só coração.

E na tua alma sublime,  
Que em ti tanta luz conserva,  
Entre as Sciencias, e as Artes,  
Seu throno tenha Minerva.

---

O D E XXXIX.

*O Retrato fixo.*

Aguas serenas, e puras  
Do manso, e claro ribeiro,  
Qu' hides cortando as Campinas  
Do alegre, e doce Vimeiro;

Que nas verdejantes margens  
Tão lindas flores criais;  
Que ao magestoso Oceano  
Rico tributo levais;

Em vosso crystal brilhante  
Vem Marcia o corpo lavar :  
Ouvi-me, serenas aguas,  
Vós vos deveis condensar.

Em vós de seu bello rosto,  
Como em espelho polido,  
Ficou hum puro retrato  
Por hum instante esculpido.

Em vós tão grande thesouro  
Eternamente guardai ;  
Embora ao mar revoltoso  
Ouro, e diamantes levai.

Em vós a idade presente,  
Em vós a idade futura,  
Veja naquelle retrato  
A imagem da formosura. ~

Se veio do Céu, se agora  
Na Terra morada tem,  
Em toda a parte se admire,  
Viva nas aguas tambem.

O D E XL.

*O Portento.*

As margens do claro rio,  
Cheguei, ó Marcia, a tocar,  
Que desse incognito asylo  
Os muros vão rodear.

O Sol brilhante n'hum ponto  
Em negros véos se envolveo,  
Com grossas nuvens sombrias  
Medonho se cobre o Céu.

Gemem as arvores, geme  
Co' o pezo d'agua a campina,  
Crescem as ondas do rio  
Com chêa tão repentina.

A's aguas me quiz lançar,  
Pois não temia morrer;  
Porém lembrei-me que morto  
Eu não te tornava a ver.

Saudoso, convulso, e triste  
A hum tronco o corpo encostei,  
E que passasse a tormenta,  
Debalde, ó Marcia, esperei.

Fuzila o medonho raio,  
Repete o écco o trovão,  
E a Natureza em desmaio  
Me amostra só confusão.

Mas eis-que á margem opposta  
Te vejo, ó Marcia, chegar,  
E logo contemplo absorto  
Os ares a serenar.

E quando de lá risonha  
A' minha estendeste a mão,  
O rio, como espantado,  
Parou na carreira então.

Enrolão-se as nuvens densas,  
E brilha o Sol no hemisferio,  
E a Natureza obedece  
A teu soberano Imperio.

---

O D E X L I .

*Os prestigios da Imaginação.*

**E**m tudo, ó Marcia, te vejo  
Quanto a meus olhos s'off'rece,  
Em tudo o que me rodêa  
A tua image' apparece.

Se hum dia sereno, e puro,  
Eu vejo, ó Marcia, raiar,  
A tua fronte serena  
Me vem o dia mostrar.

Se o passo dirijo errante  
Por estas veigas amenas,  
Cuido que a alvura do seio  
Te vejo nas Açucenas.

Se junto ás aguas que correm  
Descubro Lyrios, e Rosas,  
Nellas a imagem deviso  
Das tuas faces mimosas.

Até de noite nos Astros,  
Que brilhão no Firmamento,  
Vou descobrir de teus olhos  
As luzes, e o movimento.

Porém o Sol fulgurante  
A tua imagem não he;  
Se no Occidente s'esconde,  
De novo brilhar se vê.

Tu te escondestes, ó Marcia,  
Bem como o Sol quando he posto;  
O Sol virá, tu não voltas  
A descobrir-me o teu rosto.

ODE XLII.

*A Rosa.*

**T**inha huma Rosa no manto  
A linda Marcia pregada,  
E deo a Elmiro em presente  
A flor de Venus amada.

E quando a mão lhe tocava  
De tal maneira córou,  
Que em suas mimosas faces  
Mais viva rosa ficou.

Os Céos, e Terra, que virão  
Seu rosto tão abrazado,  
Cuidarão que era huma rosa,  
Que outra ao Pastor tinha dado.

Disse-lhe então suspirando,  
Tocado do mesmo enleio,  
Antes a rosa que fica,  
Do que esta rosa que veio.

---

O D E XLIII.

*A proposta.*

**M**arcia, tu gostas de flores,  
E as colhes no prado ameno,  
Que fazem desse retiro  
Hum Paraiso terreno.

Tu apascentas teus olhos  
No Cédro, que não he teu;  
Gostas da côr variada,  
Que mostra na tarde o Céu.

Gostas do canto das Aves,  
Que ao lado teu sempre ouvi;  
Gostas de tudo o que he bello,  
Mas que está fóra de ti.

Se de huma coisa gostáras,  
Eu fora feliz então;  
Já que no teu não existe,  
Gosta do meu coração.

---

ODE XLIV.

*O coração perdido.*

Nynfas do claro Vimeiro,  
Valei-me por compaixão,  
Do peito, em ancias immerso,  
Fugio o meu coração.

Estava sentado á sombra  
Daquelle Cédro viçoso,  
Nas azas d'hum ai! sentido,  
O vi fugir pressuroso.

Pára, lhe disse, mas elle  
Meus ais não quiz escutar;  
Em negras nuvens envolto,  
Não sei onde foi parar.

Dizei-me, ó Nynfas, se o vistes?  
Se acaso o não conheceis,  
Saber que he elle o fugido  
Nestes sinaes podereis.

Leva huma chaga profunda,  
Corre-lhe o sangue em cachões;  
De Amor, que nelle triunfa,  
Pendientes leva os farpões.

Nas azas vai da esperança,  
Hum fogo ardente o consome;  
E nelle está para sempre  
De Marcia gravado o nome.

O D E XLV.

*A rapidez da belleza.*

Não deixes fugir, ó Marcia,  
Do tempo nas leves azas  
As graças com que o meu peito  
Em vivas chammias abrazas.

Esperas que a côr de neve  
Em teus cabellos s'espalhe?  
Que o pezo dos annos curve  
O teu delicado talhe?

Queres que a idade tardia  
Desfolhe co'a mão gelada  
Aquellas rosas, que admiro  
Na tua face nevada?

Queres então premiar  
O meu sobre humano amor?  
Não sejas injusta, ó Marcia,  
Escolhe sempre o melhor.

As leis dos caprichos teus,  
São, Marcia, mui rigorosas,  
Se queres que afflicto eu colha  
Espinhos em vez de rosas.

---

O D E XLVI.

*O Espelho.*

**C**ontemplas, Marcia, mil vezes  
Teu rosto bello, e mimoso,  
E teu chrystallino espelho  
Accusas de mentiroso.

Convenho, Marcia, esse vidro,  
De quem te escuto queixar,  
Não póde a tua belleza  
Ao vivo representar.

Fita teus olhos nos meus,  
Sobre elles a face inclina,  
E neste espelho animado  
Então verás que és divina.

---

## ODE XLVII.

*A ausencia, e a presença.*

**H**um passo, apenas hum passo,  
Em quantas horas eu dou?  
Que muito se est'alma triste  
Sobre teus labios ficou!

Quando de ti me separo  
Entre esperanças, e medo,  
Que muito fique meu corpo  
Immovel como hum rochedo!

Mas se onde, ó Marcia, te escondes  
Eu devo ir vêr o lugar,  
Nunca fendeo mais ligeira  
A setta apressada o ar.

Que muito que este prodigio  
Tu vejas acontecer,  
S'est'alma sobre teus labios  
Vou outra vez receber?

O D E XLVIII.

*O Amor, e as Abelhas.*

A mor de lindas Abelhas  
Hum louro enxame colheo ;  
Dentro d'aljava dourada  
Mui cuidadoso o metteo.

Elle co'as louras Abelhas  
Fez logo doce alliança ;  
Entre elles poz Natureza  
A mais cabal similhança.

Fazem as mesmas feridas  
Todos co'o mesmo aguilhão ;  
Nas mãos, no rosto as Abelhas,  
Cupido no coração.

Derramão todos veneno ,  
'Todos derramão doçura ,  
Cura-se o golpe da Abelha  
Mas o d'Amor não tem cura.

A Abelha fere huma vez,  
E o sangue do golpe corre ,  
Alli deposita a setta ,  
E a setta deixando , morre.

Amor, ó Marcia , renova  
Sempre em meu peito este mal.  
Foi momentanea a doçura ,  
Será seu golpe immortal.

O D E XLIX.

*A Idade.*

Nos teus innocentes annos  
Tu eras, Marcia formosa,  
Ou similhante, ou mais bella,  
Que hum bello botão de Rosa.

Na verde folha envolvido  
Não mostra de todo a côr,  
Aos raios do Sol aberto  
Mostra belleza maior.

Mas a hum objecto terreno  
Hum erro igual arte fora,  
Tu eras naquella idade,  
Qual he nos Céos rôxa Aurora.

Ella nos prados risonhos  
Das suas faces serenas  
Derrama gotas d'orvalho  
Nas candidas Açucenas.

Espalha huma luz suave  
Ao longe nos horizontes,  
E até do seio das sombras  
Parecem surgir os montes.

Agora tocando a raia  
Já de outra idade madura,  
Divina Marcia, contemplo  
Em ti maior formosura.

Da Rosa que as folhas abre  
Inda a belleza he maior,  
E brilha no meio dia  
O Sol com mais vivo ardor.

ODE L.

*O Sol vencido.*

Sentas-te á sombra do Cedro,  
Formosa Marcia, assim he;  
Mas tens hum chapéo na frente,  
Inda que a sombra te dê.

O Sol com seus vivos raios  
Deseja alli penetrar,  
Talvez que co'a luz brilhante  
Te queira a face tocar.

A luz do Sol tu regeitas,  
O' Marcia; como és prudente,  
Tu queres que o Sol conserve  
O seu resplendor ardente.

Se os olhos teus descobrisses  
Onde maior luz s'encerra,  
Os raios do Sol só frôxos  
Virião tocar a terra.

---

O D E LI.

*Os cabellos brancos.*

**A**s raras cans, que s'encontrão  
Na tua frente mimosa,  
Queres, ó Marcia, que eu tire  
Com minha mão rigorosa?

Eu não te faço a vontade;  
Assim o quer Natureza:  
He este o maior realce  
Da tua rara belleza.

São Lyrios que enlaço Rosas ,  
Como a grinalda que eu fiz ;  
Vê que de Rosas e Lyrios  
Sempre he perfeito o matiz.

A Mârgarita purpurea  
Co'a flor da Murta s'enlaça :  
A's tuas rosadas faces  
A neve pura dá graça.

De branco , e vermelho a Aurora  
A frente adornada tem ;  
Talvez que , por invejar-te ,  
Dest'arte toucada vem.

O D E LII.

*O vagalume.*

**B**rilhante Insecto , que espalhas  
No seio da noite escura  
Por entre as ramas do Cedro  
A luz momentanea, e pura ;

Suspende os vôos ligeiros ;  
Marcia te quer apanhar ;  
Não fujas ; que inda mais vivo  
Nas suas mãos vais brilhar.

He mais suave o contacto  
Daquellas mãos delicadas ,  
Que a felpa mimosa, e doce  
Das Açucenas nevadas.

Temes os olhos de Marcia,  
Por isso me não respondes;  
São elles a mesma causa  
Porque do Sol tu te escondes.

---

ODE LIII.

*Amor, e a Morte.*

Se Marcia tem de morrer,  
( Amor á Morte dizia ),  
Queira o Supremo Destino,  
Que tarde chegue este dia!

Com Marcia os risos, e as graças  
Por certo se acabarão;  
Nem eu terei por vassallo  
No Mundo hum só coração.

Tyranna Morte , tu debes  
O golpe descarregar ;  
Tu mesma verás em luto  
A Natureza ficar.

Mas sabe , ó Morte , que a foice  
Das mãos tu verás sahir ,  
Se tu lhe vires o rosto  
Antes de Marcia ferir.

---

ODE LIV.

*Os olhos de Marcia.*

Do verde Cedro copado  
A' sombra deliciosa  
Amor descobri risonho  
Junto de Marcia formosa.

Não tinha nas mãos o facho,  
Nos hombros não tinh'Aljava;  
De seu poderoso Imperio  
Nenhum sinal conservava.

Qu' he isto! disse, sem armas  
O Deos que o Mundo avassalla?  
Mas elle, apontando a Marcia,  
Contente dest'arte falla:

Não necessito de settas  
Nem de carcaz, nem de facho,  
Que mais poderosas armas  
Nos olhos de Marcia eu acho.

Nos labios, nas roseas faces  
Maior Imperio hei de ter;  
Se eu tenho de Marcia o rosto  
Que não poderei vencer?

ODE LV.

*O Ramalhete inutilizado.*

Nos campos errando acaso  
Do teu Vimeiro viçoso,  
Eu fiz d'espontaneas flores  
Hum ramalhete mimoso.

A Violeta modesta  
Ao branco Lyrio enlacei:  
E com purpurinas Rosas  
A alvura lhe temperei.

O escuro azul dos Jacintos  
Uni ao Cravo encarnado,  
A quem a Aurora d'orvalho  
As folhas tinha banhado.

Juntei-lhe as flores de Murta,  
Pois dellas te vi gostar;  
Mas não te quiz, linda Marcia,  
O ramalhete mandar.

Tu mesma, formosa Marcia,  
Não o devias querer,  
Depois que em teu lindo rosto  
Mais lindas flores fui vêr.

Na frente tens brancos Lyrios,  
Nas bellas faces a Rosa,  
Nos olhos tens os Jacintos,  
Cravos na boca formosa.

No hálito que respiras  
Tens hum perfume melhor,  
Que tem de hum Zefyro brando  
Batida da Murta a flor.

As mais preciosas flores  
A' tua vista são nada;  
Ellas são flores sem vida,  
Tu és a flor animada.

O D E LVI.

*O Surriso.*

Nos Céos começava a Aurora  
Inda mui frôxa a raiar,  
Do alegre Vimeiro ao campo  
Com Marcia fui passear.

Nenhuma flor inda tinha  
Aberto as folhas ao dia,  
E como em lutos envolta  
A Natureza se via.

Marcia soltou por acaso  
Da linda boca hum surriso,  
Súbito hum Quadro espantoso  
Naquelles campos deviso.

Nas débeis hasteas as flores  
Vistasas apparecêrão;  
As Violetas, as Rosas,  
O ar de perfume enchêrão.

Reverdecêrão Tomilhos  
Naquelles doces retiros,  
E as rôxas cores avivão,  
Os magoados suspiros.

Pode de Marcia hum sorriso,  
(Eu disse comigo então),  
A's flores amortecidas  
Dar força, vida, e acção.

Tambem o mortal, que goza  
Hum beijo da sua boca,  
Despindo a essencia terrena,  
A Esfera celeste toca.

O D E LVII.

*As Flores.*

Não te pareça hum prodigio,  
Celeste Marcia formosa,  
Se em desabrido Janeiro  
Eu te offereço huma Rosa.

He tal do doce Vimeiro  
O ar que banha as Campinas,  
Que até no Inverno tristonho  
Nascem aos centos boninas.

Pódes maior maravilha,  
Em ti, ó Marcia, observar;  
Flores em todos os tempos  
Vejo em teu rosto brotar.

Em todas as Estações  
Tu as conservas amenas;  
Sempre na frente tens Lyrios,  
Sempre no seio Açucenas.

Sempre mais vivas as Rosas  
Em tuas faces deviso;  
Se houvesse innocente idade,  
Tu foras o Paraiso.

---

O D E LVIII.

*O Amor castigado.*

C'hum ramalhete de Rosas  
Irada Venus hum dia  
O seu innocente filho  
Sem piedade feria.

Onde pozestes as settas,  
Onde as perdestes, lhe diz;  
Não temes as ameaças,  
Qu'eu tantas vezes te fiz?

Amor lhe torna, chorando: .  
A Marcia eu as entreguei;  
Se pode Amor enganar-se,  
Por certo, ó mãe, me enganei.

Pedio-me as settas, e absorto  
Me puz a olhar para ella;  
Cuidei ser Venus, pois era  
Qual vós, minha mãe, tão bella.

O D E F. XIX.

*O Combate.*

**E**stranho, e novo combate  
Virão meus olhos hum dia;  
Amor atacava a Marcia,  
E Marcia se defendia.

Do arco eburneo atezado  
Amor despede hum farpão,  
E Marcia só tinha inerte  
A sua nevada mão.

Amor formava seus laços,  
(E os Deoses tremem de vellos);  
Marcia da frente de Lyrios  
Soltava os lizos cabellos.

Co' o fogo do ardente facho  
Amor atacar resolve,  
E Marcia contra estas chammass  
Os olhos brilhantes volve.

Amor encurva de novo  
O arco tão temeroso,  
E Marcia apenas arquêa  
O seu sobrôlho formoso.

Amor a Marcia se rende,  
E a guerra quer acabada;  
Amor armado he vencido,  
E Marcia está desarmada.

O D E LX.

*A Victoria.*

**D**e Jove a Esposa, e a Deosa,  
Que aos homens dera o saber,  
Do Olympo hum dia baixando,  
A Marcia quizerão vêr.

Que assombro foi o das Deosas  
Quando chegarão a vella?  
Que a mesma Venus celeste  
Inda a descubrem mais bella!

Cheias de inveja, e ciume,  
E cheias de confusão,  
Envoltas em aureas nuvens  
Se retirarão então.

E disse Juno agastada ,  
 Com tom severo , e pezado ,  
 Inda o juizo de Páris  
 Eu n'alma tenho gravado.

Fujamos , Minerva , exclama ;  
 Quanto he formosa tu vês ;  
 Teremos maior vergonha  
 Vencidas segunda vez.

## O D E LXI.

*O Amor reciproco.*

**P**roxima achando-se Venus  
 A' luz o seu filho dar ,  
 Quiz antes deste momento  
 As Parcas ir consultar.

Sempre te diz, que este Globo  
Anda continuo a gyrar,  
Que a roda do Sol brilhante  
Muito tarde ha de parar.

Se queres a prova disto  
Bebe do doce Lyeu;  
Verás tudo andar á roda,  
Bem como to digo eu.

Segura-te tu, não caias;  
Toma-lhe mais o sabor;  
Deixa que a Terra te fuja,  
Não deixes fugir Amor.

O D E LXIII.

*A vingança.*

**D**e huma guardada colmêa  
Amor algum mel roubou,  
E por vingar-se huma Abelha  
Na linda mão lhe picou.

Amor tambem quiz vingar-se  
Daquella pungente dôr;  
E quanto forão terriveis  
Sempre as vinganças d'Amor!

O mel que tinha roubado,  
(Quem tal podia esperar?)  
Nos roseos labios de Marcia  
Foi logo depositar.

Mimosos labios de Marcia,  
( Amor vingativo diz )  
Em vós guardai para sempre  
O amavel roubo que eu fiz.

Em vós, preciosos labios,  
O mesmo effeito ha de ter:  
Quem se atrever a tocar-vos  
A mesma pena ha de haver.

S'Elmiro quizer beijar-vos,  
Leve co'o mel o farpão;  
Nos labios leve a doçura,  
E o golpe no coração.

O D E LXIV.

*O Passeio.*

**Q**uanto és, ó Marcia, formosa!  
Que Imperio tem a belleza!  
Adorações te tributa  
O Quadro da Natureza!

Se neste claro remanso  
Tu vais contemplar o rosto,  
As mesmas ondas do rio  
Até trasbordão de gosto.

Ha pouco via este Lyrio,  
E contemplava esta Rosa;  
Nem muito branco era elle,  
Nem ella muito formosa.

Tu lhes pozestes os olhos,  
Tu lhes toçaste co'a mão ;  
O Lyrio se fez mais alvo,  
E a Rosa mais viva então.

Se pela mimosa relva  
Teus passos, ó Marcia, agitas,  
Não minto, tu mesma observas  
Brotarem as Margaritas.

Tu viste maior prodigio ;  
Tocaste a praia do mar,  
Calão-se as ondas, e a arêa  
Em ouro viste mudar.

Agora, Marcia, tu debes  
Fazer huma reflexão ;  
Se o que não sente he sensivel,  
Tu julga o meu coração.

ODE LXV.

*Amor invencivel.*

**E**m aureo carro, tirado  
D'hum bravo, e fero Leão,  
Eu vi Amor, que levava  
As leves redeas na mão.

O temeroso animal  
A seu sabor conduzia;  
Se os passos seus affrôxava,  
Com rijo açoite o feria.

As Graças virão passar  
Dest'arte o tenro menino,  
E vendo hum Leão submisso,  
Soltão hum rizo divino.

Eu, Marcia, tremi d'horror,  
Vendo hum Leão subjugado,  
E vi que Amor mais podia  
Que a Natureza, e que o Fado.

S'elle o Monarca das Feras  
Tem a seu jugo sujeito,  
Se elle se armar de teus olhos,  
Que ha de fazer em meu peito?

---

O D E LXVI.

*O Osculo roubado.*

**S**e quando, ó Marcia, dormias,  
Hum osculo te roubei,  
Sobre teus labios de Rosas  
Toda a minh'alma deixei.

Sentindo-me inanimado ,  
Já da minh'alma distante ,  
Eu vi que o sopro da vida  
Hia a findar n'hum instante.

Em busca delle ancioso  
Mandei o meu coração ;  
Mas elle vendo teus olhos  
Ficou na mesma prizão.

Mas ah ! que do doce beijo  
O fogo inda sinto arder ;  
Sem elle , ó Marcia formosa ,  
Eu não podéra viver.

Marcia volveo para mim  
Seus olhos, e desde então  
Não teve mais liberdade,  
Nem paz o meu coração.

Sentada comigo á sombra  
D'hum Cédro copado, e bello,  
Da sua frente nevada  
Tirou hum dia hum cabello.

Pegou-me nas mãos risonha,  
E rindo as mãos me ligava;  
Eu innocente me ria  
Do laço que ella formava.

Eu quiz quebrar as cadêas  
Daquella débil prizão;  
Mas vi que tinha empregado  
Os meus esforços em vão.

Eu conheci que queria  
Mui tarde emendar meu erro;  
Porque erão aquelles laços  
Inda mais duros que o ferro.

D'hum só cabello de Marcia  
He tal o Imperio, e poder,  
Que , delle .prezo , só posso  
De Marcia escravo viver.

---

O D E L X I X .

*A Offerta.*

**H**um beijo sómente , ó Marcia ,  
Te dei na face celeste ,  
E desta innocente offerta  
Parece te aborreceste . .

Se acaso , ó Marcia , te offendes  
Porque hum sómente te dei ,  
Esta devida homenagem  
Mil vezes repetirei .

Se este thesouro regeitas,  
E não o queres guardar,  
Eu voluntario to acceito,  
Pódes-mo tornar a dar.

Se julgas a offerta indigna  
Que a minha boca te fez,  
Consente, discreta Marcia,  
Que eu a retome outra vez.

---

O D E LXX.

*O Sonho.*

**J**unto do Cedro encostado  
Profundamente dormia;  
Porém despertou-me hum sonho  
N'alma que sempre vigia.

Senti que a discreta Marcia  
A' Amor a venda tirava,  
Que em ferros a convertia,  
E aos pés, e mãos m'os lançava.

Depois que abrindo huma torre,  
Que em torno banhava o mar,  
Envolto em duras cadêas  
Alli me foi sepultar.

Senti que a porta de bronze  
Rangendo então se fechou,  
E Marcia, Marcia formosa,  
A chave á Morte entregou.

O D E LXXI.

*O Prodigio.*

**D**epois d'Aurora formosa  
O Sol brilhante se avança,  
E sobre o cume dos montes  
Os raios ardentes lança.

Então ao romper do dia,  
No Quadro da Natureza,  
As aguas, prados, e montes,  
Mostrarão maior belleza.

A Rosa as folhas abria,  
Zéfiro brando das flores  
Co'as leves azas, soltava  
Embalsamados vapores.

O Rouxinol se lamenta  
Em mîl requebros saudosos ;  
Ao longe as grutas repetem  
Os éccos harmoniosos.

Dos frôxos braços do somno  
Eis Marcia se desprendeo ;  
De branco , e preto vestida  
Veio contemplar o Céo.

Se foi encanto não sei  
O que em tal hora senti ;  
Os Céos , e Terra s'escondem ,  
E a Marcia sómente vi.

Sinto perder os sentidos  
Se lhe contemplo a belleza ;  
Nem tem valor junto a Marcia  
O Quadro da Natureza.

O D E LXXII.

*O Ciúme.*

Copado Cedro, mil vezes  
A's tuas sombras eu venho ;  
Tu sabes, que o meu encanto  
De ti distante não tenho.

Vejo de novo em teu tronco  
Mil caracteres impressos ;  
Serão de Marcia? Mas elles  
Nãõ são dos meus mui diversos.

Que mão colheo tantas flores,  
Que nesta relva nascerão?  
Ha pouco inda as encontrava,  
E já desaparecerão?

Mui differentes pégadas  
Eu vejo impressas n'arêa:  
Serão d'hum Pastor? ó Fados,  
Quanto a minha alma recêa!

Dize-me, ó Cedro . . . mas não,  
O teu silencio he melhor;  
Antes incerto Ciume,  
Que hum desengano em amor.

---

ODE LXXIII.

*As duas Rolas.*

**C**riei com muito cuidado  
Duas Rolinhas mimosas;  
Não sei qual era mais bella,  
Porque ambas erão formosas.

Mas huma dellas as azas  
Com mais ardor sacodia,  
E vinha nas mãos pousar-me  
Por muitas vezes ao dia.

Outra era esquiva, e feroz  
Mostrava em tudo dureza;  
Eu via a diversidade  
Das obras da Natureza.

Produz os genios diversos  
Nos homens, nos animaes;  
Nem duas folhas d'hum mirtho  
Eu posso encontrar iguaes.

Mas desta diversidade  
Eu o motivo encontrei;  
A Rola que era mais terna,  
No seio de Marcia achei.

Daqui lhe vem, disse então,  
Aquella meiga brandura;  
Porque no seio de Marcia  
Poz seu Imperio a ternura.

O D E LXXIV.

*A Rosa invejada.*

C o'a mão mimosa, e nevada  
Marcia huma Rosa colheo;  
Veio do campo, e no manto  
A mesma Rosa predeo.

Eu vi-a de longe, e disse:  
" Feliz, e ditosa flor,  
Tocaste naquelle peito,  
Tens formosura maior.

Tomára não ser humano  
Mudando de condição,  
Tomára ser huma Rosa  
Tocada daquella mão.

O' flor de Venus, ó quanto  
A tua ventura invejo!  
Talvez que te chegue aos labios  
Talvez que te imprima hum beijo. ”

Mas hum momento depois,  
( Quém póde segurar hum bem! )  
Ella a tirou de seu manto,  
Ella a tratou com desdem.

Ah! quiz Amor esquivar-me  
A'quelle golpe de morte!  
Talvez que Marcia quizesse  
Tratar-me da mesma sorte.

O D E LXXV.

*O Suspiro.*

**E**u cedo, Marcia formosa,  
Ao fogo com que me abrazas;  
Quiz enviar-te a minha alma  
D'hum só Suspiro nas azas.

Nos teus refulgentes olhos  
A incauta quiz repousar;  
Não sei porque desventura  
Tu lhe não deste lugar.

Quando a teus olhos voava,  
Foi n'hum Suspiro d'amor,  
E quando torna a meu peito,  
Vem n'hum Suspiro de dôr.

O D E LXXVI.

*Venus invejosa.*

Não pôde Venus hum dia  
O rosto de Marcia vêr,  
Sem que sentisse no peito  
O fogo da Inveja arder.

Do Imperio da linda Venus  
Vingar-se quiz Natureza,  
E deo ao rosto de Marcia  
Mais graça, maior belleza.

Venus, sentida, a seu filho  
Foi duras settas pedir,  
E quiz atezando o arco  
A bella Marcia ferir.

Encara-lhe o niveo peito ,  
Mas perde o fito assustada ;  
Porque da luz de seus olhos  
Venus ficou deslumbrada.

Do arco eburneo sahindo ,  
Os ares corta o farpão ;  
Se Marcia não foi ferida ,  
Não foi o seu golpe em vão.

Do alvo gentil resvala ,  
No meu coração s'encrava ,  
E fez , oh Céos ! por acaso  
De Marcia a minh'alma escrava.

O D E LXXVII.

*As duas Rosas.*

**M**ando-te, ó Marcia discreta,  
Duas differentes Rosas ;  
Huma he vermelha , outra branca ,  
Mas ambas são mui formosas.

Contempla , Marcia , contempla  
D'ambas as Rosas a côr ;  
A minha imagem conhece  
Em huma , e em outra a flor.

Então verás a figura ,  
Na branca , da minha sorte ;  
Verás na encarnada a chamma  
De amor , que me causa a morte.

Mas ah! que nas folhas d'ambas  
O verde está sem mudança!  
Tu queres disso hum retrato?  
Pois seja a minha constancia.

---

O D E LXXVIII.

*A loucura d'Amor.*

**C**hamaste-me louco, ó Marcia,  
E tens, ó Marcia, razão;  
Não tem as funcções que tinham  
Minh'alma, e meu coração.

Não vejo graça nos prados,  
Nas flores não vejo a côr;  
E quando se alegrão todos,  
Lanço hum suspiro de dôr.

Vélo de noite, e de dia,  
 A solidão só me apraz;  
 Faz-me desgraçado aquillo,  
 Que os outros ditosos faz.

Todas as Nynfas são feias,  
 Só vejo em ti formosura.  
 Chamas-me louco d'Amor?  
 Pois seja eterna a loucura.

## O D E LXXIX.

*A offerta do Retrato.*

Quizera ricos thesouros,  
 Formosa Marcia, offertar;  
 Até sobre teus altares  
 Cheiroso incenso firmar.

Rubins , e ricas Safyras ,  
Que manda o Gange opulento ,  
Provárão , discreta Marcia ,  
O meu reconhecimento.

Quizera hum aureo Diadema  
Na tua frente, cingir ,  
Aos pés do teu mesmo throno  
O Mundo constituir.

Mas quero dar-te o que exceda  
Thesouros da Natureza ;  
Que coisa mais preciosa ,  
Que a tua mesma belleza ?

O D E LXXX.

*A Ave ingrata.*

**D**as garras do refalsado  
Tigre domestico tinha  
A terna Marcia arrancado  
Huma innocente Avezinha.

Dentro do seio a recolhe ,  
Sobr'ella o pranto derrama ;  
Co'aquelle vital assopro  
A' vida outra vez a chama.

A seus delicados membros  
Torna de novo o vigor ,  
E pouco a pouco se perde  
O sentimento da dôr.

Porém da prizão de Rosas  
Súbito a ingrata fugio,  
E as azas equilibrando,  
No ar nunca mais se vio.

Nas faces de Marcia afflicta  
Corre seu pranto magoado,  
E são qual cravo mimoso  
De pérolas aljofrado.

Ingrata, e fera Avezinha,  
Tu deixas desconhecida  
A Marcia, que já te dera  
Entre os affagos a vida.

Entre nós ambos, ingrata,  
Quanto he differente a sorte!  
Tu foges d'ella, eu a busco,  
Tu tens a vida, eu a morte!

O D E LXXXI.

*A Sciencia.*

A condição dos mortaes,  
O' Marcia, não se melhora:  
O que era ignoto ha mil annos,  
Ainda hoje se ignora.

Vai inda a causa escondida  
Da agitação que o mar tem,  
Porque seis horas prefixas  
Na enchente, e vazante tem.

Ninguem nos explica como  
A flor na semente esteja,  
Como, lançada na terra,  
Em pouco tempo viceja.

Não se conhece o profundo  
Milagre da geração,  
Como he composto perfeito  
O que era ha pouco embrião.

Eu não me occupo em romper  
Tal sombra; seja o que for:  
Como eu te conheço, ó Marcia,  
Ao menos conheço amor.

---

ODE LXXXII.

*A Tempestade.*

**D**obram-se os troncos, co'o vento,  
E ao longe rebrama o mar;  
Todo de eléctricas nuvens  
Em torno se tolda o ar.

Fuzila o medonho lume,  
 Segue-se horrendo trovão;  
 De susto, ó Marcia, no peito  
 Palpita o teu coração?

Tu queres, Marcia, esquivar-te  
 Dos elementos á luta?  
 Fugamos, Marcia, depressa  
 Ao seio daquela gruta.

Se tu tens medo do lume,  
 Que tão depressa fenece,  
 E do trovão que se escuta,  
 E logo desaparece;

Tu no teu seio me esconde;  
 Que eu sinto maior desmaio;  
 Pois vejo a luz de teus olhos  
 Inda mais viva que o raio.

Nem sempre a celeste chamma  
 Na terra cahe com pavor;  
 Eu sempre sinto no peito  
 Estragos que faz amor.

O D E LXXXIII.

*A vista de Marcia.*

**E**stava o Céu mui sereno,  
Tranquillo dormia o mar,  
E via a noite medonha  
A pouco e pouco acabar.

Zéfyro brando nos ares  
As doces azas batia,  
E já dos Céos do Oriente  
Hum raio de luz se via.

Co'os orvalhados cabellos  
A rôxa Aurora apparece,  
E o Sol das altas montanhas  
A erguida fronte esclarece.

O Quadro da Natureza ,  
Tocado da luz Febéa ,  
Com magestade sublime  
Aos olhos se patentêa.

Junto d'hum Cedro encostada  
A Marcia descubro então ;  
Fica-me a scena do Mundo  
Immersa na escuridão.

Brilhantes Astros celestes ,  
Eu sei que me perdoais ,  
Junto de Marcia formosa  
Nem tendes luz , nem brilhais

## O D E L X X I V .

*Marcia escondida.*

A's ternas Nynfas hum dia  
Por Marcia fui perguntar ,  
E todas disserão tristes ,  
Que alli a virão passar.

E que por sinal as flores ,  
Que ella hia co'o pé tocando ,  
Com seu contacto mais bellas  
Hião da terra brotando.

Então ao Sol perguntei ,  
Se Marcia celestes vio ?  
Elle da minha pergunta  
Parece que se sentio.

Porém respondeo , que a vira  
No claro rio espelhar-se ,  
E com a luz de seus olhos  
O seu resplendor turvar-se :

E que dest'arte offuscado  
Co'os olhos de Marcia bella ,  
Nem vira para onde fora ,  
Nem dava noticias della.

Pergunto aos bosques , aos montes ,  
Se nelles Marcia s'esconde ,  
E o écco daquellas grutas  
Sómente --- Marcia --- responde.

Na Natureza espantada  
Me diz huma voz então :  
Se queres achar a Marcia  
Busca-a no teu coração.

O D E LXXXV.

*O exemplo.*

**D**as flores a Soberana,  
Marcia, não vez quanto brilha?  
Nella produz Natureza  
Sempre a maior maravilha.

A Aurora lhe inveja a côr  
Quando o perfume derrama,  
De hum doce vapor celeste  
O ar em torno embalsama.

O claro rio que a rega  
Se esquece do seu correr,  
As niveas ondas suspende,  
Como embebido em a vêr.

A Abelha em torno sussura,  
E a Borboleta mimosa,  
As azas equilibrando,  
Parece adorar a Rosa.

Se logo, ó Marcia, tornares,  
Tu desfolhada a verás;  
Em seu momentaneo Imperio  
Que grandes lições terás!

Se logo, ó Marcia, a colheras  
Terias maior ventura;  
Passou o tempo, e com elle  
O Imperio da formosura.

Não deixes fugir, ó Marcia,  
A fugitiva belleza,  
Olha que não se revogão  
Decretos da Natureza!

O D.E LXXXVI.

*O osculo roubado.*

**O'** Marcia , formosa Marcia ,  
Teus roseos labios gentiz  
Já podem estar vingados  
Do latrocínio que eu fiz.

Rompia nos Céos a Aurora  
As sombras affugentando ,  
Junto do Cedro dormias  
Hum somno suave , e brando.

Fui , assim he , temerario ,  
Beijeite a boca formosa ;  
Mas tive grande desculpa ,  
Cuidava que era huma Rosa.

Se beija a mimosa Abelha  
O Calis de huma Açucena ,  
Beijar eu tambem podia  
A flor do Liz, e do Lena.

Tornei a mim confundido ;  
Marcia , temi teu rigor ;  
Pois sei que humilde respeito  
Só queres no meu amor.

Aquelle amoroso roubo  
Eu quiz ressarcir então ,  
E no lugar do delicto  
Deixei o meu coração.

O D E LXXXVII.

*O Annel offerecido.*

Não queiras , Marcia formosa ,  
Tão liberal parecer ,  
Pódes com outros thésouros  
A liberdade prender.

Tão precioso presente  
Eu não te devo acceitar ,  
Pois queres com mais hum laço  
As minhas prizões dobrar.

Teus dons , ó Marcia , suspende ;  
Já não duvida ninguem ,  
Que , além de ser teu amante ,  
Sou teu escravo tambem.

Se já lançaste cadêas  
De Amor ao meu coração,  
Para que queres hum laço  
Visível na minha mão?

---

O D E LXXXVIII.

*O anno de Amor.*

As Rosas, Lyrios, e luzes  
Rivaes da celeste Esfera,  
O' Marcia, são no teu rosto  
Imagens da Primavera.

Os niveos pomos celestes,  
Que Amor contempla invejoso,  
São no teu seio o retrato  
Do Outono delicioso.

Porém do Inverno sombrio  
A fria, e dura estação  
Está, ó Marcia discreta,  
Dentro do teu coração.

Se alli penetrar deixares  
De meu affecto o calor,  
Então, portentosa Marcia,  
Serás hum anno d'Amor.

---

O D E LXXXIX.

*O Cestinho.*

Sentado do Cedro á sombra  
Elmiro Pastor hum dia,  
Hum cesto mui pequenino  
De tenros vimes tecia.

Dentro, depois de acabado,  
Hum terno beijo fechou;  
E logo d'Amor nas azas  
A' linda Marcia o mandou.

Amor então no caminho  
O bello cestinho abriu,  
E dentro lhe fecha as graças,  
Que á mãe celeste pedio.

Tambem do carcaz dourado  
Algumas settas tirou,  
Até seu ardente facho,  
Alli lhe depositou.

Apenas Marcia o abriu,  
O terno beijo amoroso  
Mui prompto foi imprimir-se  
No róseo labio mimoso.

As doces graças de Venus  
No rosto se lhe espalharão;  
Porém o facho, e as settas  
Nos olhos só lhe ficarão.

Dos lindos olhos de Marcia  
Que muito s'escravo eu for?  
Se para vencer o Mundo  
Poz nelles o Imperio amor!

---

O D E XC.

*O Rio.*

Alegre, e sereno rio,  
Que banhas estas campinas,  
Que tens bordadas as margens  
De mil fragrantas boninas.

Tu vistes nas tuas ondas,  
A linda Marcia banhar-se?  
Vistes a Nynfa formosa  
Na fresca relva sentar-se?

A' sombra daquelle Cedro  
Vistes-lhe o gado ajuntar?  
Mas ah! que tu emmudeces,  
Tu não me queres fallar!

Bem sei, tu morres d'amores  
Tambem por Marcia formosa ;  
Atêa-se em tuas ondas  
A activa chamma amorosa.

Pois se nas ondas se atêa,  
Onde se havia extinguir,  
Meu peito, que he todo fogo,  
Que chammas ha de sentir?

O D E XCI.

*As Abelhas.*

**O**'voadoras Abelhas,  
Que o mel buscais pelas flores,  
Deixai incessantes gyros;  
Qu'eu vou mostrar-vos melhores.

Se quando desponta a Aurora  
Buscais a fragrante Rosa,  
Nas faces da terna Marcia  
Inda a tereis mais formosa.

Se o mel extrahis suave  
Do Calis d'huma Açucena,  
Mais branca a tereis por certo  
Na sua frente serena.

Se ás vezes mais vos agrada  
D'alguns Jasmins o candor,  
No collo, e seio de Marcia  
Talvez o tenhais melhor.

Eu vejo, louras Abellias,  
Que vós o que mais quereis  
São Cravos; vinde comigo;  
Que eu mostro onde os achareis.

Vêdes a Marcia? Em seus labios  
Está partida esta flor;  
Chegai aos labios purpureos  
Tereis mel d'outro sabor.

Se em vós reconhecimento  
Alguma força inda tem,  
Huma porção desse aroma  
Trazei-me aos labios tambem.

O D E X C I I .

*O engano d'Amor.*

**P**elo aprazível Vimeiro  
Colhendo d'hum Mirtho a flor,  
De cima de hum verde Cedro  
Vio Marcia o tyranno Amor.

Notou seu talhe donoso,  
Seus olhos, claras estrellas;  
Vio alvos Jasmims, vio Rosas  
Nos labios, nas faces bellas.

Vio seu andar soberano  
Das lindas graças cercado,  
E á vista da linda Marcia  
D'assombro o rio parado.

Cuidou (que facil engano!)  
Ser Venus que elle buscava;  
Vôa do Cedro contente,  
E a linda Marcia abraçava.

Amada mãe . . . diz, e Marcia  
Ao collo o Numen tomou;  
E vio então Natureza,  
Que Amor tambem s'enganou.

Confuso hum pouco Cupido  
Dos braços se desprendeo,  
E as azas equilibrando,  
Os livres ares fendeo.

Que Amor menino s'engane  
Não me causa admiração,  
Se até a julga celeste  
Filosofia, e Razão.

O D E X C I I I .

*Amor perdido.*

**D**o collo da mãe formosa  
Amor desapareceo,  
Envolto n'hum véo sombrio  
No peito se me escondeo.

A linda Venus dos olhos  
Amargo pranto vertia,  
E a quem lhe trouxesse o filho  
Tres beijos offerencia.

Nynfas amantes o buscão,  
Nenhuma dellas o achou;  
Nem mesmo Jonia, ou Tircéa  
Com elle a Venus tornou.

Em busca delle Dorinda  
Ao campo sahio tambem ;  
Matem-se todas embora,  
Eu não o dou a ninguem.

A Marcia sómente o dou,  
E quanto eu sou liberal !  
Venus promette tres beijos  
Por coisa que tanto val !

Não quero os beijos de Venus,  
Eu della não tenho dó:  
Prometto entregallo a Marcia,  
Se Marcia me der hum só.

O D E X C I V .

*A duração da Belleza.*

**T**u não vês , formosa Marcia ,  
Quanto he triste , e quanto dura  
No medonho , e frio Inverno  
Mais que o dia a noite escura ?

Tu não vês nas lindas flores  
Quanto he breve a duração ?  
Dura mais que a Primavera  
Sempre o calmoso Verão.

Essas arvores sombrias  
Tão viçosas , tão copadas ,  
Do mimoso , e verde ornato ,  
São mais tempo despojadas.

O suave, e doce Imperio  
Dos encantos da belleza  
Tambem sente, e tambem soffre,  
Esta lei da Natureza.

Agrilhôa a liberdade  
Hum semblante encantador,  
Liga o forte, liga o sabio,  
Ao fatal jugo de amor.

Este Imperio glorioso  
Eu o vejo fenecer;  
Se hum momento he soberano,  
Tem mais tempo de o não ser.

O D E X C V.

*A Recompensa.*

Quiz exhaurir seus thesouros  
De huma só vez Natureza,  
Dotou a Marcia sublime  
D'entendimento, e belleza.

Della a Fortuna rival  
Lhe quiz passar adiante;  
Para vencer tantos dotes,  
Quiz dar a Marcia hum amante.

Compensa Marcia sensivel  
O bem que n'alma lhe tóca,  
E deo na face d'Elmiro  
Hum beijo da sua boca.

Conhece o Pastor que o beijo ,  
Dádiva desta belleza ,  
Excede em muito os thesouros  
Da Sorte , e da Natureza.

Quer dar ao premio de Marcia  
Hum premio com proporção ,  
Em toda a Terra o não acha ,  
Acha-o no seu coração.

Aos pés de Marcia o lançou ;  
A linda Pastora o tem ;  
E se ella o julga hum thesouro ,  
Não o terá mais ninguém.

O D E X C V I .

*A Constancia.*

Não vês Marcia a Primavera  
Como perde o seu verdor?  
Tudo muda a Natureza,  
Só não muda o meu amor.

Perde o viço o prado alegre  
Perde a graça a linda flor;  
Tudo muda a Natureza,  
Só não muda o meu amor.

Perde a alvura o branco Lyrio,  
Perde o Cravo a acceza côr;  
Tudo muda a Natureza,  
Só não muda o meu amor.

Nasce o dia, e perde o dia  
Pela tarde o seu fulgor;  
Tudo muda a Natureza,  
Só não muda o meu amor.

Diminue no secco Estio  
Pouco a pouco o vivo ardor;  
Tudo muda a Natureza,  
Só não muda o meu amor.

Vês no Outono como perde  
Doce fruta o seu sabor?  
Tudo muda a Natureza,  
Só não muda o meu amor.

Té o Inverno desabrido  
Vê fugir o seu rigor;  
Tudo muda a Natureza,  
Só não muda o meu amor.

Findaráõ risos, e graças  
No teu rosto encantador,  
Assim mesmo, ó bella Marcia,  
Terás firme o meu amor.

O D E XCVII.

*Os olhos de Marcia.*

*Teus olhos , ó Marcia ,  
Me matão de amor.*

**O**u vagos os volvas ,  
Ou fixes attentos ,  
Ou feches izentos ,  
Sem vêr minha dôr ;  
Teus olhos , ó Marcia ,  
Me matão de amor.

Se aos Céos se levantão,  
Tem mais resplandores;  
E o Sol nos fulgores,  
Tem mais vivo ardor.  
Teus olhos, ó Marcia,  
Me matão de amor.

Se vertem chorando  
Hum pranto saudoso,  
Meu peito amoroso  
Tem mais hum penhor.  
Teus olhos, ó Marcia,  
Me matão de amor.

Se meigos se voltão  
A vêr o meu rosto,  
De amargo desgosto  
Se embota o rigor.  
Teus olhos, ó Marcia,  
Me matão de amor.

ODE XCVIII.

*O Canto de Marcia.*

Vinde, Passarinhos ,  
Alegres tomar  
De Marcia, que canta,  
Lições de cantar.

Vinde ; que em seus labios ,  
De mel , e ambrozia ,  
A doce harmonia  
Se faz escutar.

Ouvireis gorgeios ,  
Que ireis imitar  
Quando a rôxa Aurora  
Nos Céos assomar.

Vinde , Passarinhos,  
Alegres tomar  
De Marcia , que canta,  
Lições de cantar.

Com vossos biquinhos  
Vinde arremedar  
Os éccos , que prendem  
As ondas do mar :

A voz , que , subindô  
De Amor sobre as azas ,  
Póde vivas brazas  
De amor atear.

Vinde , Passarinhos,  
Alegres tomar  
De Marcia , que canta,  
Lições de cantar.

Vinde ; que eu não posso  
Sentir , e fallar ;  
Tal voz ao discurso ,  
Não deixa lugar.

Vinde , que eu não posso ,  
Vinde exp'rimentar ;  
Que eu fico , que a Marcia  
Tenhais que invejar.

Vinde , Passarinhos ,  
Alegres tomar  
De Marcia , que canta ,  
Lições de cantar.

Vinde , vinde logo  
Nas azas dos ventos ;  
Tão doces momentos  
Não deixeis passar.

Vinde revoando ,  
Tereis que imitar ;  
Que Marcia não pára  
Com vosso chegar.

Vinde , Passarinhos ,  
Alegres tomar  
De Marcia , que canta ,  
Lições de cantar.

O D E XCIX.

*A Despedida.*

**A** Deos, Marcia! Este o momento  
Em que o cégo, e duro Fado  
Tem disposto, e decretado,  
Que eu me aparte, e sem te vêr.  
Bella Marcia, o teu amante  
Não, não póde assim viver.

A Deos , Marcia ! Oh despedida  
Mais cruel que a dura morte !  
Eu não posso a crua Sorte  
Com meu pranto enternecer.  
Bella Marcia , o teu amante  
Não , não póde assim viver.

Sem gozar teus lindos olhos ,  
Vêr as graças dessa boca ,  
Que o Tyranno Amor provoca  
A mil cultos lhe render ,  
Bella Marcia , o teu amante  
Não , não póde assim viver.

Só angustias , só pezares ,  
Ancias , sustos , e tormento ,  
Hão de ser meu alimento  
N'hum continuo padecer.  
Bella Marcia , o teu amante  
Não , não póde assim viver.

Volverei dentro em minh'alma  
O feliz ditoso dia,  
Em que a tua companhia  
Fui gozar, e fui perder.  
Bella Marcia, o teu amante  
Não, não póde assim viver.

Da suave, e doce Lyra  
Pela corda harmoniosa  
Agitar-se a mão mimosa  
Eu talvez não torne a vêr.  
Bella Marcia, o teu amante  
Não, não póde assim viver.

Ao perdido peregrino  
Na montanha, e na espessura,  
Nunca pôde a noite escura  
Tão medonha apparecer.  
Bella Marcia, o teu amante  
Não, não póde assim viver.

Esse instante , em que da vida  
Foge o sopro pressuroso ,  
Mais amargo , e mais penoso ,  
Nunca foi , nem póde ser.  
Bella Marcia , o teu amante  
Não , não póde assim viver.

Se nos Céos a doce tarde  
Assomar serena , e bella ,  
Cuidarei ser inda aquella  
Em que alegre eu te fui vêr.  
Bella Marcia , o teu amante  
Não , não póde assim viver.

Se estender a noite escura  
D'Astros mil bordado manto ,  
Sonharei que em teu encanto  
Bebo a taça do prazer.  
Bella Marcia , o teu amante  
Não , não póde assim viver.

Eserei, qual Passarinho,  
Que, lutando noite e dia,  
A gaiola abrir porfia,  
Sem o ferro embrandecer.  
Bella Marcia, o teu amante  
Não, não póde assim viver.

Que te enojes, que te esqueças  
Deste amor, e deste extremo,  
Se a teus pés eu tanto o temo,  
Não te vendo, o que ha de ser?  
Bella Marcia, o teu amante  
Não, não póde assim viver.

A Deos, Marcia, em paz te fica  
Nesse incognito retiro;  
Que até dar final suspiro,  
Nunca tu me has de esquecer.  
Tornarei; porque sem Marcia  
Será morte o meu viver.

O D E C.

*O Retrato.*

*Do Liz, e do Lena  
A Candida Flor.*

Soltas Avezinhas ,  
Que ao amanhecer  
Quereis o silencio  
Das sombras romper ;  
Se esperais a Aurora ,  
Voai ; que já vem ;  
Vereis a Pastora ,  
Que prezo me tem ;  
Voai ; que apparece  
Dos Céos ao alvor  
Do Liz, e do Lena  
A Candida Flor:

Tem no rosto o Céu,  
Nos olhos o dia,  
Nos labios as Rosas,  
Na voz a harmonia.  
A boca he de mel;  
E o túrgido seio  
De Amor o vergel.  
O vosso gorgoeio  
He pouco, Avezinhas;  
Porque inda he melhor  
Do Liz, e do Lena  
A Candida Flor.

São mui desusados  
Os lindos vestidos;  
De branco, e de preto  
Os vejo esparzidos.  
Os lizos cabellos  
Se occultão n'hum véo,  
Que a meus tristes olhos  
He quasi outro Céu.  
Esta he, diz a imagem  
Na letra ao redor,  
Do Liz, e do Lena  
A Candida Flor.

Não invejeis , nescias ,  
O doce prazer ,  
Que , em seu valle ignoto ,  
Eu tenho de a vêr ;  
E os osculos ternos  
Que eu , fóra de mi ,  
Nas mãos d'Açucenas  
Ditoso imprimi :  
Pois quer o segredo  
Em meu vivo ardor  
Do Liz , e do Lena  
A Candida Flor.

A's margens do Rio  
A levo a aprender  
Em todos os Seres  
Lições de querer.  
Tanto se adianta ,  
Que a todas precede ,  
E até na ternura  
A Rola lhe cede.  
Tanto engenho mostra ,  
Nas artes de amor ,  
Do Liz , e do Lena  
A Candida Flor !

O D E CI.

A mavel Lyra de ouro ,  
Que déste os sons do descoberto Oriente ,  
Levanta agora aos Céos harmoniosa  
    Mais sublime thesouro ,  
Que dos Céos foi mandado á humana gente ;  
    A voz melodiosa  
    De Marcia encantadora ,  
Que a Sorte faz dos corações senhora.

Ah ! canta , se te he dado  
Tanto acima voar , e em tom subido ,  
Tão divinal angelica harmonia ,  
    Que o peito arrebatado  
Me deixou n'hum suspiro enternecido ;  
    Que a gloria parecia ,  
    Em extasis absorto ,  
Me deixa a tudo , excepto a Marcia , morto.

A doce ligeireza  
Com que seus alvos dedos governava  
Pelas extensas cordas sonoras ;  
A celestre destreza  
Com que a cadencia angelica formava ,  
N'hum hálito de Rosas ;  
Que alto assombro provóca ,  
Na voz que fôrma o som , na mão , que toca !

Amavel voz, que prende  
Do mar a furia , os impetos do vento ;  
Que alto est'alma elevou como embebida  
Onde s'ouve, e s'entende  
O eterno Côro do Celeste Assento ;  
A voz, que nunca ouvida  
Foi na terrea morada ,  
Prenda immortal sómente a Marcia dada !

Mudando brandamente  
A seu sabor meu animo encantado ,  
Ora me inspira mágoa , ora a ternura  
No animo, que sente  
Doce Imperio d'Amor por Lei do Fado ;  
Em quanto com brandura ,  
Ou Filtro portentoso ,  
A Jonia me roubou , deo-me o repouso.

A ferida soffrendo  
Neste volcão, que a grata melodia  
Em meu peito accendeo, que arde, e s'inflamma,  
    Vou contente off'recendo  
As mãos á algema, que taes penas cria,  
    Que balsamos derrama  
    No peito livre, e solto ;  
Onde escravo já fui, a escravo volto.

Oiço o labio, que sôa  
Em feliz consonancia ao instrumento,  
Pelos Céos feito, pelas Musas dado ;  
    Que prende, e me agrilhôa,  
Extatico, e confuso o pensamento,  
    Em nectares banhado  
    Da voz, que me enamora,  
Que se a alma faz escrava, inda a melhora.

Oh voz ! oh voz graciosa !  
Voz, que em tudo me eleva ao Mundo alheio !  
De fragrantos Jasmins, oh mão nevada !  
    Garganta harmoniosa,  
Mimoso peito, da minh'alma enleio . . .  
    Tu, das Graças cercada,  
    Dos Céos, Marcia, desceste,  
E á Terra, o que não tinha, o Céu lhe deste.

N.B. O sexto verso da pag. 137 deve lêr-se :  
( *Quem póde ligar hum bem !* )  
E o quarto verso da pag. 142 deve lêr-se :  
*Vê minha perseverança.*













